

Resumo

A influência do ceticismo pirrônico no pensamento de Kant tem consequências diretas para o desenvolvimento da filosofia crítica. Desde os registros mais antigos disponíveis – que datam de meados da década de 1750 - Kant o leva a sério e dele faz uso para investigar a metafísica dogmática, uso este que permanece na Crítica da razão pura. Entretanto, a filosofia cética antiga não somente auxilia Kant no campo da metafísica, mas, sendo essa disciplina de grande interesse para ele, é correto dizer que influencia sua própria concepção de filosofia. A relação de Kant com o ceticismo pirrônico mostra uma dimensão nova no ceticismo moderno, pois Kant nem faz de elementos da filosofia cética antiga – o que chama de método cético – um uso instrumental, de modo a refutar o ceticismo, nem os concebe como uma etapa a ser superada, mas, ao contrário, apropria-se desses elementos e os toma para si, como partes integrantes à filosofia crítica.

Palavras-chave: Immanuel Kant (1724-1804) . Ceticismo Pirrônico . Ceticismo Moderno

Abstract

The influence of Pyrrhonian skepticism on Kant has a direct effect on the development of the critical philosophy. Since the oldest records available – which date from the mid-1750's – Kant takes ancient skeptical philosophy seriously and makes use of it to investigate dogmatic metaphysics, usage which endures in the Critique of Pure Reason. However, ancient skeptical philosophy not only aids Kant in the field of metaphysics, but being this discipline of great interest to him, it is right to say that it influences his conception of philosophy itself. The relation between Kant and Pyrrhonian skepticism also displays a new dimension in modern skepticism, for Kant neither makes of elements of ancient skeptical

* Doutorando em filosofia na PUC-Rio

philosophy – which he calls skeptical method – an instrumental use, in order to refute skepticism, nor conceives them as a step to overcome, but, quite the contrary, appropriates these elements and takes them for himself, as necessary and integral parts of the critical philosophy.

Keywords: Immanuel Kant (1724-1804) . Pyrrhonian skepticism . Modern Skepticism

É bastante conhecida a crítica de Kant à metafísica tradicional, dogmática de Leibniz-Wolff. Menos conhecida é a relação de Kant com o ceticismo pirrônico, do qual faz uso para auxiliá-lo na investigação da metafísica tradicional, e que é capaz de oferecer uma ampliação à perspectiva de que a filosofia crítica consistiria em uma simples superação das atitudes cética e dogmática.

Como Kant afirma, a filosofia crítica é uma *via media* entre dogmatismo e ceticismo.¹ Nota-se que o próprio *método crítico* constitui-se nessa via, a partir da distinção, de um lado, entre dogmatismo e procedimento dogmático e, de outro, entre ceticismo e método cético. Enquanto os primeiros devem para Kant ser rejeitados, na condição de doutrinas exclusivas, os últimos são retomados por uma perspectiva crítica e são a ela apropriados de forma constitutiva².

Como será argumentado, o que Kant denomina de “método cético” na *Crítica da razão pura* (doravante: *CRP*) consiste em uma apropriação da *filosofia cética antiga*³. Na base da citada distinção entre ceticismo e método cético está uma assimilação ou resgate de elementos do procedimento cético pirrônico (*skeptiké agogé*), sobretudo da habilidade da *diaphonia*, ao método crítico.

A fonte original mais completa que chega até nós sobre a filosofia cética antiga é a obra de Sexto Empírico (c. II d.C.). Sexto expõe o que chama de Pirronismo, que teria sido criado por dissidentes da academia de Platão – esta que seria o berço da filosofia cética propriamente dita, durante a

1 “Entre o dogmatismo e o ceticismo a única maneira intermediária e legítima de pensar é o ceticismo.” I. Kant (2005), p. 275[Ak18:293]: Reflexão 5645, de 1785-88.

2 Desse modo, percebe-se a relação paradoxal de Kant para com os céticos, da qual a referida distinção é representativa: por um lado, os chama de preguiçosos e nômades, que não desejam cultivar continuamente uma terra, mas, por outro lado, de juízes e vigilantes da razão. Cf. I. Kant *Critique of Pure Reason*, 2005, p. 99: A ix (doravante: *CRP*).

3 Cf. *CRP*, p. 99: A ix.

liderança do escolarca Arcesilau (c.315-c.240) – que, insatisfeitos com seus rumos dogmatizantes, invocam o nome de Pirro de Élis (c.360-c.270) para sua nova escola cética. É famoso o primeiro parágrafo das *Hipotiposes pirrônicas*, na qual Sexto afirma que há três tipos de filosofia, a dogmática, a cética e a acadêmica. Os dogmáticos seriam aqueles que julgam ter descoberto a verdade, os acadêmicos, terem descoberto que a verdade seria inapreensível, enquanto os céticos (pirrônicos) seriam os únicos que continuariam a buscá-la. É possível, no entanto, tentar deixar de lado a longa controvérsia acerca das diferenças entre o ceticismo acadêmico e pirrônico, e afirmar que, em geral, o cético antigo se caracteriza por não sustentar crenças, e não afirmar nem negar nada acerca da “existência real” das coisas, acerca daquilo que seria “não evidente” ou obscuro (*adelon*), por estar persuadido de que “para cada relato há um relato oposto”⁴.

De acordo com a exposição de Sexto, o cético começaria sua carreira filosófica tal como um dogmático, i.e., a partir da busca da verdade (*sképsis*). Porém, logo se depara com um conflito de opiniões (*diaphonia*), ou de teses opostas que se contradizem mutuamente, sendo que há razões igualmente persuasivas para se acreditar em cada uma (*isosthenia*). Diante deste conflito equipolente, e sem critérios para decidi-lo, sem um caminho possível (*aporia*), o cético seria então levado à suspensão (*epochê*), ou seja, não julgar a favor de um lado ou outro, mas suspender-se do conflito como um todo. Com isso, chegaria a um estado de imperturbabilidade da alma ou tranquilidade (*ataraxia*). Viver deste modo, sem manter crenças sobre nada obscuro, e seguir apenas o que lhe aparece e o afeta seria o modo de conduta cético (*skeptiké agogé*), um modo de vida que, exercendo a habilidade de *diaphonia* (i.e., encontrar ou produzir um argumento de igual peso para qualquer tese sobre a natureza real de algo), e vivendo de acordo apenas com as aparências levaria o cético à felicidade (*eudaimonia*).

Como veremos, a distinção de Kant entre ceticismo e método cético consiste em uma apropriação de elementos desta sequencia investigativa da filosofia cética ou pirrônica que Kant julga serem indispensáveis à filosofia crítica, mais especificamente, para se lidar com dificuldades que considera inerentes à razão humana.

Para Michael Forster, como na *Crítica da razão pura* Kant investiga a legitimidade da metafísica *como ciência*, seu interesse na filosofia cética antiga diria respeito apenas aos ataques céticos que *ameaçam* propriamente a

4 Cf. Sexto Empírico (2000), Livro I, 12, 202-5.

metafísica, bem como, dessa forma, Kant teria em vista torná-la capaz de *resistir* ao ceticismo⁵. É inegável que o interesse de Kant na filosofia cética antiga estivesse focado na disciplina da metafísica. Contudo, a relação entre o pirronismo e a metafísica na filosofia kantiana não parece se dar segundo a lógica de ataque, ameaça e resistência.

Desde as primeiras análises de Kant da metafísica tradicional de Leibniz-Wolff, seu diagnóstico consiste em que a metafísica de fato está ameaçada, mas não pelos ataques céticos, e sim por suas falhas intrínsecas, que a fazem “ameaçar” a si mesma e a levam rumo a uma crise interna. Assim, pode-se dizer que Kant não considera o ceticismo como uma dificuldade essencial ou até mesmo como um verdadeiro obstáculo para a metafísica e, portanto, não deseja *tornar* a metafísica *resistente* ao ceticismo, mas entende a metafísica da sua época estar com dificuldades de por si mesma e em suas próprias bases sustentar-se.

Já em seus primeiros escritos pré-críticos, Kant demonstra insatisfação com relação à metafísica tradicional, afirma a necessidade de se encontrar um método para o tratamento desta disciplina que lhe seja apropriado, bem como expressa o desejo de reformá-la. A filosofia cética antiga apresenta-se então como um modelo investigativo hábil para tornar aparentes e determinar as dificuldades inerentes à metafísica tradicional. Desde os registros mais antigos do contato de Kant com o ceticismo pirrônico, portanto, em vez de um inimigo da metafísica ao qual esta deveria resistir e vir a superar, Kant entende a filosofia cética especialmente como um *método*, que seria capaz de auxiliá-lo tanto na investigação da metafísica quanto em uma subsequente reforma.

Apesar da grande quantidade de textos escritos por Kant em seu período pré-crítico, e da ampla gama de temas neles tratados, nota-se que a busca por um método adequado para a metafísica é um objetivo recorrente do período⁶. A investigação de Kant da metafísica tradicional e a acusação de suas falhas estão constantemente conectadas à questão sobre qual seria o método adequado para esta disciplina.

Pode-se verificar esta preocupação com qual seria o método apropriado para a metafísica desde a *Nova Delucidatio* (1755), em que Kant questiona o procedimento Leibniz-wolffiano de fazer um uso dedutivo de princípios lógicos para se conhecer a realidade, como p.ex., o princípio de não contradição e de razão suficiente. Kant chega a uma mesma conclusão, contrária

5 M. N. Forster (2001), 2008, p. 3.

6 Cf. M. Grier (2001), p. 17.

ao método dedutivo, na *Investigação sobre a Clareza dos Princípios da Teologia Natural e da Moral* (1764), texto em que traça as diferenças entre o método do conhecimento matemático, dedutivo (comumente imitado na filosofia, por Descartes, Leibniz e Wolff, p.ex.) e o método indutivo, defendido pelos Newtonianos, que seria para Kant “o verdadeiro método para a metafísica” ⁷.

O registro mais antigo do contato de Kant com a filosofia cética encontra-se em seu exemplar de *Auszug aus der Vernunftlehre* (1752) de Meier, manual que utiliza em seu primeiro curso de Lógica, durante o semestre de 1755-56. Nele Kant faz uma anotação sobre a tradição cética, em que elogia a “dúvida acadêmica e pirrônica”, cita o lema *non liquet*, bem como Arcesilau, Carnéades e Bayle, e escreve que são “as diferenças de opinião [que] dão origem ao ceticismo” ⁸. Deste modo, por volta de 1755, Kant já conhece e demonstra apreço pela filosofia cética antiga. Além disso, é interessante notar que já neste início confere atenção especial à *diaphonia* – em suas palavras, “diferença de opiniões” –, que além de poder ser considerada o elemento essencial da filosofia cética antiga, irá desempenhar um papel central no “método cético” que Kant aduz para o tratamento das antinomias na *CRP*.

A influência da filosofia cética antiga é significativa em *Anúncio para o Programa das Palestras de Inverno de 1765-1766*, texto da famosa declaração de Kant aos seus futuros alunos de que não irá “ensinar filosofia”, o que seria impossível, devido à natureza da própria filosofia, mas sim “ensinar a filosofar”: “não são pensamentos e sim pensar que o entendimento deve aprender”:

O método de instrução peculiar à filosofia é cético [zetético], como alguns da Antiguidade o chamaram (de zetein). Em outras palavras, o método da filosofia é o método da investigação. É somente quando a razão já amadureceu, e somente em certas áreas, que este método se torna dogmático, ou seja, decisivo. ⁹

⁷ Do mesmo modo que, na ciência natural, deve-se buscar para determinada experiência as regras de acordo com as quais os fenômenos correspondentes ocorrem, os quais seriam explicados uma vez que seja mostrado com clareza como são governados por estas regras, na metafísica, deve-se partir da “experiência interna” ou “consciência imediata e autoevidente” e analisar quais notas pertencem certamente a determinado conceito, e destas então, mesmo que não esgotem a “essência completa da coisa”, ainda assim seria possível inferir seguramente sobre a coisa em questão. I. Kant *Inquiry Concerning the Distinctness of the Principles of Natural Theology and Morality*. In: I. Kant (2003), p. 259 [Ak 2:287]. Citado em: M. Grier (2001), pp. 27-8.

⁸ Citado em: Kuehn (2002), p.181. (reflexão 2660).

⁹ I. Kant M. *Immanuel Kant's Announcement of the Programme of his Lectures for the Winter Semester 1765-1766*. In: I. Kant (2003), p. 293 [Ak 2:307].

No *Anúncio*, Kant expressa desconfiança em relação à metafísica, afirmando que a metafísica existente seria meramente a “ilusão de uma ciência”. Nele, Kant reitera suas análises anteriores, e afirma que o método apropriado para a metafísica não seria sintético, e sim analítico. Mas, dirigindo-se aos seus futuros alunos, Kant sustenta que o método próprio para a *instrução filosófica* deve ser a *zetesis*, a contínua investigação. Ensinar a filosofar consistiria, fundamentalmente, em oferecer um exemplo, o de como formar juízos “por si mesmo”, considerando-se quaisquer conhecimentos positivos que se possa talvez adquirir nesse caminho apenas como uma “consequência incidental”¹⁰. Pode-se entender que Kant prescreva o método cético para o ensino da filosofia no *Anúncio* por desconfiar do racionalismo metafísico-dogmático que prevalecia em sua época. Mas, ao mesmo tempo, já demonstra não estar disposto a se satisfazer com o ceticismo e suas conclusões, embora reconheça a necessidade de se investigar a metafísica de modo pirrônico, e inclusive, coloque-a em prática em seu texto subsequente.

Os *Sonhos de um visionário explicados pelos Sonhos da Metafísica* (1766) é, segundo Forster, um trabalho conscientemente pirrônico¹¹, no qual os “sonhos” do místico sueco Swedenborg são explicados em comparação com os anseios oníricos ou ilusórios da metafísica ocidental. Kant novamente expressa incredulidade no tocante à metafísica tradicional, e agora o desejo de conferir um novo aspecto e uma nova função à antiga disciplina, “mais consoante com a natureza do entendimento humano”.

Nos *Sonhos*, Kant argumenta a favor dos dois lados de uma questão, de modo a se chegar a um conflito antinômico. Tendo como ponto de partida a noção de um ser espiritual, Kant demonstra como os dois caminhos possíveis para se pensar a metafísica levam indistintamente a uma série de perplexidades, ou um “nó”¹². No entanto, o propósito de Kant em *Sonhos de um visionário*, como ele próprio afirma, não é constituir uma “doutrina cética”. Kant tem em vista investigá-la ceticamente, sobretudo, de modo a demonstrar que a aplicação do método analítico-dedutivo trazido da matemática para o conhecimento metafísico deve-se ao “fracasso em se reconhecer a natureza e as limitações das nossas faculdades de conhecimento, especialmente a razão humana”. Assim, a metafísica existente é neste texto novamente

10 I. Kant M. *Immanuel Kant's Announcement of the Programme of his Lectures for the Winter Semester 1765-1766*. In: I. Kant, (2003), p. 293 [Ak 2:307].

11 M. N. Forster (2008), p. 19.

12 M. Grier (2001), p.33.

tratada como a ilusão de uma ciência, ao passo que a metafísica reformada teria uma nova função, a de ser uma “ciência dos *limites da razão humana*”.

Em uma carta de 1781 a Bernoulli, Kant discute a sua correspondência com Lambert, especialmente a carta deste de 13 de Novembro de 1765, na qual propõe a Kant que juntos reformassem a metafísica. Kant escreve a Bernoulli que, já a essa época, nota que *falta à metafísica*

*(...) uma pedra de toque confiável com a qual se possa distinguir a verdade da ilusão, já que diferentes, mas igualmente persuasivas proposições metafísicas levam inescapavelmente a conclusões contraditórias, com o resultado de que uma proposição inevitavelmente lança dúvida sobre a outra. Eu tinha algumas ideias para uma possível reforma dessa ciência, mas queria que as minhas ideias maturassem antes de submetê-las ao penetrante escrutínio do meu amigo.*¹³

Nesta análise de Kant das proposições metafísicas, nota-se um caráter e um vocabulário especificamente pirrônicos. Cabe lembrar que, de acordo com Sexto Empírico, é a equipolência (*isosthenia*) de afirmações dogmáticas em conflito (*diaphonia*) o que leva o cético à suspensão do juízo (*epoché*). Esta carta reitera como por volta do ano de 1765 Kant já recebe respaldo da filosofia cética antiga para seus próprios questionamentos sobre a metafísica tradicional, e pensa sobre uma reforma possível da metafísica fazendo uso de recursos da argumentação cética.

Portanto, pode-se afirmar que é através destas investigações da disciplina da metafísica, que possuem um caráter propriamente pirrônico, que Kant é levado a compreender a necessidade de uma autocrítica da razão, pela qual fosse possível analisar quais ilusões estariam na base das ficções metafísicas. Em sua discussão sobre a carta a Bernoulli citada acima, de 1765, Kant refere-se a sua ideia de reformar a metafísica, e nos *Sonhos* já oferece o esboço de algumas modificações desejadas. No entanto, o que Kant busca neste período poderia ser expresso, ainda, como um “método correto para o conhecimento [metafísico]”¹⁴. Que a reforma e a almejada descoberta das *ilusões* da

13 I. Kant (1999), p. 186. Carta de Kant a Bernoulli, de 16 de Novembro de 1781. Citada em: M. N. Forster (2008), p. 17.

14 E tal “método correto” é o que justamente indica faltar à Wolff; “uma “crítica especial”, que pudesse “assegurar, alterar e reformar” o conhecimento filosófico. I. Kant (2005), p. 207 [Ak 18: 68]; Reflexão 5035, de 1776-78.

metafísica levassem à necessidade de uma autocrítica da razão era algo que, Kant afirma, estava como que envolto numa “penumbra”, até o ano de 1769:

Se eu apenas conseguir tanto quanto ser convincente em mostrar que se deve suspender o tratamento desta ciência até que este ponto tenha sido resolvido, então este texto terá cumprido o seu propósito.

Inicialmente eu via essa doutrina como em penumbra. Eu tentava muito esforçadamente provar proposições e o seu oposto, não para estabelecer uma doutrina cética, mas porque eu suspeitava que pudesse descobrir em qual ilusão o entendimento estava se escondendo. O ano de '69 me trouxe uma grande luz.¹⁵

A “grande luz” de 1769 a que Kant se refere sem dúvida diz respeito à descoberta da antinomia da razão pura, que torna Kant sensível para o fato de que as suas investigações da metafísica apontam, na verdade, para uma reforma radical desta ciência. Em carta a Christian Garve, de 21 de Setembro de 1798, Kant afirma:

A antinomia da razão pura – “O mundo tem um começo, não tem nenhum começo, e assim por diante, até a 4ª [sic]: Há liberdade no homem, vs. não há liberdade, apenas a necessidade da natureza” – é isto que primeiro despertou-me de meu sopor dogmático e levou-me à crítica da própria razão, de modo a resolver o escândalo da contradição ostensiva da razão consigo mesma.¹⁶

Como Karl Jaspers afirma, a antinomia da razão é uma das portas de entrada para o pensamento crítico de Kant, e teria sido um “começo mais dramático” para a CRP do que a Estética Transcendental. Pode-se considerá-la como uma única “luta da razão consigo mesma” que se manifesta em quatro antinomias ou conflitos cosmológicos entre teses ou doutrinas contraditórias. Embora estes conflitos cosmológicos se deem a partir de ideias para as quais nenhum objeto correspondente na experiência é possível, para Kant eles não surgem arbitrariamente, mas são, pelo contrário, quatro “problemas

15 I. Kant (2005), p. 207 [Ak 18:69]: Reflexão 5037 (de 1776-78).

16 É interessante notar que esta famosa expressão, que é utilizada no Prefácio da 2ª edição da CRP para se referir ao problema do mundo externo é aqui retomada a respeito das antinomias da razão. I. Kant (1999), p. 552 [Ak 12: 258].

naturais e inevitáveis da razão”, e suas questões dizem respeito aos “mais altos e mais importantes fins da humanidade”:

*... se o mundo tem um começo e a sua extensão um espaço uma fronteira; se há em algum lugar, quicã no meu ser pensante, uma unidade indivisível e indestrutível, ou se há nada a não ser o que é divisível e perecível; se minhas ações são livres ou, como as de outros seres, controladas pelos fios da natureza e do destino, se, finalmente, há uma causa suprema do mundo, ou se as coisas naturais e a sua ordem constituem o objeto ultimo, no qual todas as nossas considerações devem se deter ...*¹⁷

As antinomias têm a característica distintiva de não possuírem uma única direção, não tenderem para uma doutrina exclusiva. As teses ou doutrinas em oposição que a compõem não sofrem de nenhuma inconsistência *interna*¹⁸, como, inclusive, são ambas bem-sucedidas em refutar o seu oposto, de modo que se contradizem mutuamente. Desta forma, as teses opostas que estão em jogo na antinomia da razão pura configuram propriamente uma *antitética*:

*Se qualquer conjunto de teses dogmáticas é uma “tética”, então por antitética entendo não a declaração dogmática do oposto, mas, antes, o conflito entre o que aparentam ser conhecimentos dogmáticos (thesin cum antithesi), sem a atribuição de uma reivindicação preeminente à aprovação de um lado ou de outro. Deste modo, uma antitética não se ocupa com asserções unilaterais, mas considera tão-somente o conflito entre conhecimentos gerais da razão e as causas desse conflito. A antitética transcendental é uma investigação das antinomias da razão pura, suas causas e resultados.*¹⁹

Nota-se que esta descrição da *antitética* coincide diretamente com a *diaphonia*, *isosthenia* e a *aporia*, que podem ser consideradas os principais elementos na investigação da filosofia dogmática da *skeptiké agogé*, o modo de conduta cético tal como Sexto Empírico o descreve:

17 CRP, A464/B492.

18 Cf. M. Grier (2001), p. 172.

19 CRP, A 420-21 / B 448.

O ceticismo é uma habilidade que opõe as coisas que aparecem e que são pensadas de todos os modos possíveis, com o resultado de que devido à equipolência nesta oposição tanto no que diz respeito aos objetos quanto às explicações, somos levados inicialmente à suspensão e depois à tranquilidade.²⁰

Nas palavras de Kant, a antitética consiste não na “declaração dogmática do oposto, mas, antes, no conflito entre o que aparentam ser conhecimentos dogmáticos” (*diaphonia*), sem ser possível a “atribuição de uma reivindicação preeminente à aprovação de um lado ou de outro” (*isosthenia*). Uma mesma *disputa equipolente*, tal como esta descrita por Kant é o que, de acordo com Sexto, levaria o cético à suspensão. A este procedimento investigativo, unicamente adequado para se lidar com a antitética, Kant confere o nome de “método cético”, que considera imperativo distinguir do ceticismo:

O método de assistir ou até ocasionar um conflito de afirmações, não para decidi-lo a favor de uma ou outra parte, mas para investigar se o objeto da disputa não é talvez uma miragem à qual cada um agarrasse em vão, mesmo se não encontrasse resistência – esse procedimento, digo, é o que se pode denominar método cético. É totalmente diferente do ceticismo, princípio de uma ignorância ardilosa e científica, que mina os fundamentos de todo conhecimento para, se possível, não deixar em parte alguma segurança ou certeza.²¹

De início pode-se notar que esta definição do “método cético” é equivalente à definição de *diaphonia* oferecida por Sexto. Fica claro que, ao descrevê-lo como um “método de assistir ou até mesmo ocasionar um conflito de afirmações...”, Kant entende o “método cético” não apenas como um modo de análise ou de observação, mas inclusive como uma habilidade. E, de acordo com Sexto, é a habilidade da *diaphonia* o que define o ceticismo, sendo simplesmente possuir esta habilidade (*dinamis*) o que caracterizaria o filósofo

20 Sexto Empírico (1997). Livro I, cap. IV. O ceticismo é aqui definido por Sexto a partir da habilidade (*dinamis*) de colocar teses em oposição, de modo a se produzir um conflito de teses conflitantes e mutuamente excludentes (*diaphonia*). Como estas teses demonstram possuir explicações que são equipolentes, “no sentido de equivalência quanto a ser crível ou não crível” (*isosthenia*), o cético seria então levado à suspensão (*epoché*), “um estado mental de repouso no qual não afirmamos nem negamos nada (*stasis dianóias*)”.

21 CRP, A424/B452.

cético. Ainda, pode-se entender que “... não para decidi-lo a favor de uma ou outra parte” expressa, de certa forma, uma *incapacidade* de se decidir o conflito. Neste caso, se estaria assim diante de um impasse (*aporia*), de um conflito insolúvel, i.e., ao menos na medida em que não seria possível solucioná-lo através de uma decisão a favor de uma das partes. Como escreve Kant,

*Nada parece mais claro do que dentre duas teses, uma das quais afirma que o mundo tem um começo, e a outra que ele não tem nenhum começo, mas existe desde a eternidade, uma deles tem que estar certa.*²²

A princípio, a escolha entre tese ou antítese parece ser uma necessidade lógica. Mas, como há “... igual evidência para ambos os lados, é para sempre impossível asseverar qual dos lados está certo...”, de modo que esta escolha, se desinteressada, pesando apenas os argumentos, parece, sem se tratar do mérito da questão, tanto necessária, quanto impossível, permanecendo-se assim em um *impasse*. Kant escreve:

*... supondo-se que ele conheça nenhuma outra forma de escapar do dilema a não ser confessando fidelidade a uma ou outra das doutrinas conflitantes, tal pessoa estaria em um estado de vacilação incessante. Hoje lhe pareceria como convincente que a vontade humana é livre; amanhã, quando considerou a corrente indissolúvel da natureza, ele admitiria a visão segundo a qual a liberdade não é nada senão autoengano, e de que tudo é natureza.*²³

Na filosofia pirrônica, entende-se a *aporia* de tal modo que, uma vez instalada, seria definitiva, indissolúvel, e a partir dela então o cético seria levado à suspensão, como que “passivamente”; ou ainda, como se diante de um caminho sem saída, sem alternativas, fosse “coagido” à suspensão. E tampouco para Kant, diante do impasse entre as asserções dogmáticas em conflito, seria possível decidir-se a favor de um ou outro lado da disputa. No entanto, mesmo sendo correto afirmar que Kant esteja de acordo de que, uma vez se tenha em vista tese e antítese lado a lado, e se contemple a antitética como um todo, não seja possível decidir-se a favor de nenhum dos lados da disputa, ainda assim o procedimento kantiano não é a suspensão. Kant escreve em uma nota de meados da década de 1770:

22 CRP, A501.

23 CRP, A475/B503.

Dois filósofos metafísicos, um dos quais prova a tese, e o outro a antítese, ocupam aos olhos de um terceiro observador a posição de um exame cético. Devem-se fazer ambas as coisas por si mesmo. ²⁴

Pode-se dizer que o que há de mais significativo na antitética não consiste nela simplesmente apresentar uma oposição de tese e antítese, e sim na característica do conflito que ela apresenta entre teses opostas e mutuamente excludentes de *sustentar-se*. Nesse sentido, o exame cético da antitética, com efeito, não tem como finalidade decidi-la ou dissolvê-la, e sim, como Kant afirma, buscar a determinação das suas causas. E, para tanto, seria preciso exercer três funções: (1) por si mesmo provar tanto tese, (2) quanto antítese, ocupando estas duas posições “dogmáticas” opostas, e a um passo, (3) examinar o conflito como um todo, a partir de uma posição destacada, de um observador que é capaz de abrangê-lo em seu conjunto. Deste modo, o exercício tríplice a se fazer descrito por Kant consiste em produzir toda a antitética por si mesmo, esforçar-se em provar tese e antítese, e, ao mesmo tempo, erguer-se para abarcá-la, analisá-la em conjunto, mas sem com isso suspender-se por completo, sem retrair-se.

Nesse sentido pode-se considerar a *aporia* uma parte essencial da antitética, na medida em que é devido à ausência de um critério que a disputa permanece sem solução, e tese e antítese mantêm-se em oposição, em conjunto, sem que o conflito possa ser dissolvido. No entanto, no tratamento de Kant das antinomias, a *aporia* parece estar condicionada, ou ser de certa forma relativa a um determinado modo de pensar. Isto é, nos termos em que a antitética de início é gerada; de acordo com os princípios dos quais lançam mão cada lado – de acordo com *estes* termos, para Kant, de fato não há nenhuma solução que lhe seja possível.

[Portanto,] a solução dogmática não é apenas incerta, mas impossível. A solução crítica, entretanto, que pode ser completamente certa, não considera de modo nenhum a questão objetivamente, mas em vez disso, questiona os fundamentos do conhecimento em que está assentada. ²⁵

Uma “solução dogmática” para as antinomias seria impossível. Ou seja, enquanto prevalecer uma maneira dogmática de pensar, a *aporia* prevalece.

24 I. Kant (2005), p. 205 [Ak 18:61]: Reflexão 5015, de 1776-78.

25 CRP, B512/A484.

Desse modo, pode-se dizer que seria necessária uma forma determinada de suspensão, no sentido de uma renúncia ao modo dogmático de tentar resolver o conflito. A solução que seria possível para as antinomias, no entanto, não trata “objetivamente” da questão que é disputada por tese e antítese, pois não diz respeito diretamente nem aos argumentos do conflito, nem propriamente ao objeto em disputa²⁶. A solução crítica consiste, antes, em mostrar que o objeto da disputa, o “absolutamente incondicionado”, como não pode ser dado em nenhuma experiência possível, ultrapassaria os limites do conhecimento humano. Tese e antítese, em todos os casos, fornecem argumentos igualmente convincentes para uma questão que, no entanto, é desenvolvida sobre um pressuposto falso.

Guiada pela busca de sistematicidade ou completude absoluta para o domínio da experiência, a razão “liberta um conceito do entendimento das suas limitações inevitáveis a uma experiência possível, e desta maneira busca estendê-lo para além das fronteiras do empírico”, com isso “tornando-o uma ideia transcendental”²⁷. No entanto, Kant entende que, por definição, não há para as ideias transcendentais nenhum objeto correspondente que possa ser dado através percepção sensível. Os conceitos da razão ou ideias transcendentais consistem apenas em conceitos heurísticos, mas não ostensivos; são “princípios regulativos”, que carecem de realidade *objetiva*, pois dizem respeito na verdade a um objeto transcendente, “que ultrapassa os limites de toda experiência, na qual nenhum objeto adequado à ideia transcendental pode jamais ocorrer.”²⁸

Assim, a antitética dos conflitos cosmológicos é gerada de acordo com o princípio “Se o condicionado está dado, então a soma total das condições e, portanto, o absolutamente incondicionado está igualmente dado”²⁹. A partir deste princípio, então, amplia-se o conceito de mundo, entendido empiricamente como a “soma total dos fenômenos”, para a totalidade *absoluta* das coisas existentes. Feito isto, nada mais se pode pensar então a respeito deste conceito; o “mundo”, da maneira como se passa a entendê-lo, “é um objeto

26 CRP, A422/B449.

27 CRP, A409/B436. Deste modo, com as ideias transcendentais, a razão busca conferir uma “unidade sintética” para o entendimento, e, na medida em que as ideias “sempre estendem a cognição da experiência, mas nunca indo na direção contrária da experiência”, proceder de acordo com elas pode ser considerado uma “máxima necessária” da razão (CRP, A509; A671).

28 CRP, A327.

29 CRP, A409.

que não pode ser dado em lugar nenhum a não ser em nossos pensamentos”; ultrapassa os limites de toda experiência possível, e, por conseguinte, as contradições nas quais este conceito se enreda não podem ser resolvidas pelo recurso à experiência.

Pois, como estabelecer pela experiência: se o mundo existe desde a eternidade, se tem um começo, se a matéria é divisível ao infinito ou consta de partes simples? Tais conceitos não são fornecidos por nenhuma experiência, mesmo pela mais extensa; por conseguinte, a inexatidão da proposição afirmativa ou negativa não pode provar-se por esta pedra de toque. ³⁰

Como tanto tese quanto antítese “podem ser estabelecidas por provas igualmente luminosas, claras e irresistíveis”, mas ultrapassam toda experiência possível, não havendo nenhuma pedra de toque para se resolver a antinomia, Kant alega que o “habitual método dogmático” jamais poderá pacificá-las. A antinomia baseia-se na “... ilusão que se ergue do fato de que se aplicou a ideia de totalidade absoluta, que é válida apenas como uma condição de coisas em si mesmas, para as aparências, que existem apenas na representação, e que, se constituem uma serie, existem no regresso sucessivo, mas, de outra forma, não existem de modo nenhum.” ³¹

Portanto, Kant localiza as causas da antitética no que denomina “ilusão transcendental” e, em última análise, na natureza da própria razão humana. Para Kant, a antinomia é própria da razão, está “irremediavelmente vinculada à razão humana” ³², sendo consequência de uma tendência que lhe seria inevitável, que necessariamente se manifestaria no curso de seu desenvolvimento. Reside, portanto, na razão uma antitética “inteiramente natural”, pela qual por si mesma torna-se dialética, e que admite nenhuma solução dogmática. Deste modo, pode-se afirmar que a *aporia* apresentada pela antitética não pode ser resolvida dogmaticamente, inclusive, por ser esta um

30 I. Kant (1988), p. 128.

31 CRP, A507/B535.

32 CRP, A298. Distinguindo de meras proposições sofisticas um “teorema dialético da razão pura”, Kant afirma: “(...) este não diz respeito a uma questão arbitrária que se possa levantar à revelia, mas uma que toda razão humana deve necessariamente se deparar no curso do seu progresso e, segundo, essa proposição e seu oposto devem trazer consigo não meramente uma ilusão artificial que desaparece assim que se consiga penetrá-la, mas uma ilusão natural e inevitável, a qual mesmo se não mais se for enganado por ela, ainda ilude apesar de não defraudar e que, portanto pode ser assim considerada inofensiva, mas não destruída.” (CRP, A422/B449).

conflito da própria razão humana, no qual estão em jogo os limites de nossas faculdades cognitivas, e não um conhecimento de objetos.

O caminho para a solução das antinomias consiste em compreender que aplicar a ideia de uma “totalidade absoluta” aos fenômenos não passa de uma ilusão, pois esta ideia diria respeito na verdade apenas às coisas em si, e deste modo careceria de qualquer *realidade objetiva*. É preciso buscar outro método para se chegar a uma solução para a antitética, um novo modo de pensar para se investigar as causas do conflito, em vez de determinar a realidade objetiva de suas teses. E, neste sentido, a tarefa que a antinomia da razão apresenta diz respeito ao autoexame da razão. A sua solução não consiste em determinar de que lado está a verdade, e sim vir a compreender melhor a própria razão, sua extensão e limites. Kant escreve, nos *Prolegômenos*, que a antinomia é o produto “mais notável” da razão pura, e o “fenômeno mais estranho” da razão humana, “aquele que, entre todos, age mais poderosamente para despertar a filosofia do seu sono dogmático e a impelir para a crítica da própria razão”³³. A solução crítica é, de certa forma, uma reafirmação do idealismo transcendental, ou, nas palavras de Kant, o conflito das antinomias fornece uma prova indireta para a doutrina da “idealidade transcendental das aparências”.

*Não são coisas em si mesmas que são dadas, mas apenas aparências, as quais, como condições umas das outras, são dadas apenas no regresso ele próprio. Portanto, a questão não é mais quão grande esta serie de condições é em si mesma – se ela é finita ou infinita – pois ela não é nada em si mesma; na verdade, a questão é como devemos instituir o regresso empírico e quão longe devemos estendê-lo.*³⁴

Tendo em vista esta solução, pode-se entender que o “método cético” é dirigido por Kant nas antinomias não diretamente para doutrinas de filósofos ou escolas, como no caso do procedimento pirrônico, e sim para a própria razão humana. Para Kant, a necessidade do método cético deve-se não à *diaphonia* que se é possível encontrar na historia da filosofia, uma *diaphonia* empírica que se pode produzir a partir da doutrina de autores ou escolas. O método cético é agora dirigido por Kant para um conflito que poderia ser considerado *a priori*, cuja sede seria a própria razão humana. O método

33 I. Kant (1988), p. 125.

34 CRP, A514.

cético teria como objetivo, fundamentalmente, exibir as limitações do modo dogmático de proceder nas questões das ideias cosmológicas, e com isso dar espaço a um novo modo de pensar.

Pode-se afirmar, desse modo, que “filosofia cética” e “método cético” estão desvinculados, devendo este ser nitidamente distinguido do ceticismo. Com base na distinção acima, Kant assinala inclusive que a filosofia cética não mais seria a legítima “proprietária” do *método cético*. Este, agora, pertenceria legitimamente apenas à filosofia transcendental.

*Este método cético, porém, só é essencialmente apropriado para a filosofia transcendental e, em todo o caso, pode ser dispensado em todos os outros campos de investigação, mas não neste.*³⁵

O método cético possuiria sua aplicação legítima apenas se voltado para a investigação da razão pura. Com isso em vista, pode-se notar que Kant não “toma emprestado” o método cético do Pirronismo. Como julga sê-lo “essencialmente apropriado [tão-somente] para a filosofia transcendental”, Kant com efeito dele apropria-se. E, por outro lado, lê-se que a apropriação crítica do método cético seria um recurso necessário para a investigação das causas da antitética, e para a descoberta das *ilusões da razão*. O método cético seria, assim, indispensável para o exame da própria razão, para se chegar a uma solução possível para as ilusões racionais dos conflitos cosmológicos.

O método cético se justifica na filosofia transcendental por ser o único capaz de lidar com a antinomia da razão. Através do “habitual método dogmático” jamais seria possível solucionar os conflitos cosmológicos, mas, com o método cético, Kant é capaz de investigar a antinomia, analisar tese e antítese lado a lado, e buscar as suas causas; a confusão entre fenômeno e coisa em si ou, em última análise, a ilusão transcendental. E como esta pode ser combatida, mas não destruída definitivamente, pode-se afirmar que o método cético teria um lugar permanente no “edifício” da razão pura, no interior do qual unicamente teria o seu uso legítimo. E, desta forma, a filosofia transcendental de Kant apropria-se definitivamente do método cético, desvinculando-o da consequência suspensiva da filosofia pirrônica; a autocrítica da razão designa ao método cético uma função determinada, em um domínio específico; buscar as causas da antitética, deflagrando a necessidade de uma atitude crítica diante dos conflitos cosmológicos.

35 CRP, A424/B452.

Assim, por um lado pode-se considerar que o método cético possui um caráter permanente, constitutivo na filosofia crítica, em vez de dele ser feito um uso instrumental, inserido em um passo ou etapa metodológica *preliminar* que, após ser superada, se tornaria obsoleto, ultrapassado. Por outro lado, como o procedimento de investigação cética é desvinculado de uma filosofia cética propriamente dita, pode-se considerar que, também na filosofia de Kant, o cético seria despersonificado, tornado uma personagem abstrata. Sendo aplicada à investigação transcendental, da própria razão humana, ainda assim é feito de uma parte essencial da *skeptiké agogé* um uso somente *metodológico*. Embora a apropriação kantiana não consista em uma transformação do “método cético” em uma etapa metodológica preliminar ou instrumental, mas o considere um recurso necessário e permanente, esta apropriação consiste em dele se fazer um uso, senão preliminar, ainda assim meramente metodológico.

Ou seja, a filosofia cética se reduz apenas a “método cético”. *Diaphonia*, *isosthenia* e *aporia* são modos de se lidar com a antinomia da razão e, através da clareza de seu modo de análise, conferir espaço ao exercício de autocrítica da razão. Separadas de *epoché*, *ataraxia* e *eudaimonia*, não mais dizem respeito a um modo de vida. O procedimento cético, a *skeptiké agogé*, se reduz a apenas método de investigação, não mais diz respeito a uma escolha existencial, um modo de conduta, um procedimento na vida³⁶.

Portanto, a apropriação kantiana de elementos do procedimento cético (*skeptiké agogé*) consiste em um uso peculiar da filosofia cética antiga que, pode-se afirmar, é inteiramente divergente do uso habitual que desta se faz desde sua retomada no início do período moderno. O “método cético” kantiano, além de ser voltado para o autoexame da razão, possui ainda um propósito antidogmático bem delineado. Kant não tem em vista tornar a metafísica resistente ao ceticismo, e sim, pelo contrário, tornar a razão humana resistente a sua própria tendência dogmático-metafísica, que considera ser natural e inevitável.

36 Cf. P. Hadot (1995), pp.139-154.

Referências Bibliográficas

- BEISER, F. “Kant’s Intellectual Development: 1746-1781” In: *The Cambridge Companion to Kant*. Paul Guyer (ed.) Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BROUGHTON, J. *Descartes’s Method of Doubt*. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- CHATEAUBRIAND, O. “The Tyranny of Belief”. Em: *O que nos faz pensar? Cadernos do Deptº de Filosofia da PUC - Rio*, Novembro de 1994 – VIII, pp. 39-54.
- DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FORSTER, M. N. *Kant and Skepticism*. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- GRIER, M. *Kant’s Doctrine of Transcendental Illusion*. Cambridge: Cambridge University, 2001.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- JASPERS, K. *Kant*. Trad. Ralph Manheim. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962.
- KANT, I. *Theoretical Philosophy 1755-1770*. Trad. David Walford. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. *Correspondence*. Trad. Arnulf Zweig. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. *Critique of Pure Reason*. Trad. Allen W. Wood e Paul Guyer. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Lectures on Logic*. Trad. J. Michael Young. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. *Notes and Fragments*. Trad. Curtis Bowman, Paul Guyer e Frederick Rauscher. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Prolegomenos a toda Metafísica Futura*. Lisboa: Edicoes 70, 1988.
- KUEHN, M. *Kant. A Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MARCONDES, D. “Juízo, suspensão do juízo e filosofia cética” In: *Revista Skepsis*, Ano 1, n. 1, 2007, pp.115-122.
- POPKIN, R. H. *The History of Scepticism from Savonarola to Bayle*. New York: Oxford University Press, 2003.
- SEXTO EMPÍRICO. *Hipótiposes Pirrônicas*. Livro I. in: Marcondes, D.(trad.) *O que nos faz pensar*, n. 12, setembro de 1997.
- SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Scepticism*. Julia Annas e Jonathan Barnes (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- STROUD, B. “Kant and Scepticism”. In: Burnyeat, M. (ed.) *The Skeptical Tradition*. Berkeley: University of California Press, 1983, pp.413-434.